

Eu acho que ela contempla mais uma ideia de **instalação** do que propriamente de **escultura**. Então nossa **instalação sonora** é intitulada **Palavra**. Nós a fizemos sob uma mesa redonda e usamos vários **dispositivos** que utilizam a palavra. Então nós usamos um computador, uma máquina de escrever e um caderno com caneta. E dentro de uma ideia de uma **sincronia** entre as palavras e as ordens de **tempo** que cada um tinha para escrever, a gente fez uma **composição sonora**. A gente se preocupou tanto com o som que tava sendo emitido como pelo significado das palavras que a gente usou para fazer esta **instalação sonora**. As palavras que nós usamos todas elas tem relação com a arte contemporânea. A gente tinha uma preocupação de não usar palavras quaisquer, a gente pensou palavras que tinham haver com os discursos da **arte contemporânea** e aquilo que nós pensamos que tinha haver com a nossa instalação sonora. As **palavras** que nós usamos todas elas tem relação com a arte contemporânea. A gente tinha uma preocupação de não usar palavras quaisquer, a gente pensou palavras que tinham haver com os **discursos** da arte contemporânea e aquilo que nós pensamos que tinha haver com a nossa **instalação** sonora. A gente trouxe uma mala, que trazia a lembrança de viajar, de viagens que a gente faziam de coisas que a gente carrega em nossa **bagagem**. Cada som que agente foi produzindo, fui listando para levar para a apresentação. A gente acabava lembrando alguma **história** e isso foi se ligando, e acabou que saiu um trabalho **incrível**. Que era tão difícil de montar, de produzir e **som** de testar as coisas, e no final foi ótimo. A gente acabava até ficando emocionados principalmente com a mala que estava no meio e com os **objetos** que a gente produziu os sons e as cordas que enrolavam a mala. Foi uma experiência incrível e eu gostei muito e espero que, quer dizer eu fico triste por outras fases não terem mais esta **oportunidade** dessa ligação entre as disciplinas que foi muito importante, E espero que levem isso para o futuro como **professor artista** e nos estágios. Primeiramente, elaboramos a **atividade** com o tema fogo. Utilizamos uma lata de refrigerante foram colocadas algumas velas em uma chapinha. Colocávamos com conta gotas a água e ali produzia um 'chiado', produzia um som. Foi feito também, uma **escultura de cerâmica** em formato de árvore, colocamos vidros e garrafas com água, que produzia sons **diferentes**. Em outro momento, com garrafas, que com o vento produzia diversos sons. Também foi feito um moinho, dentro dele tinha arroz, que com a água produzia um som. **Experiência positiva**. Com este trabalho pude abrir o olhar sobre a **escultura**, e não pensar nela com um objeto único ou isolado das outras coisas. E de também poder inserir elementos do nosso **cotidiano**, que poderiam ser descartados, e nos proporcionou visibilizar uma oportunidade de inserir na **sala de aula**. Se aproxima mais de uma instalação do que escultura. Eu e o Walter como trabalhamos com **dança**, usamos muito a caixa de som, aí me identifiquei com o cabo auxiliar da caixa de som que me chamou atenção com o som que ele produzia. Eu o utilizei no meu **corpo**, e com o choque que ele produz em contato com a pele, produz som diferente. Como pratico muito exercício com corda, pulando, realizei este movimento que produz som a partir do toque da corda ao chão. No palco, em ordem, foram apresentados estes sons do cotidiano de cada membro do grupo. No final foi feito uma grande escultura com caixa de **som, corda e moedas**. Usei objetos eletrônicos como um **relógio despertador, caixa de som, dois celulares, um mouse, uma tigela de inox e uma peça de aço para bater nela**. Fiz também uma estrutura externa de papelão em forma de engrenagens como **escultura**. Usei o nome de máquina do tempo, porque a gente pensa em uma **máquina do tempo** que volta no tempo, mas esquece de que o próprio relógio é uma máquina do tempo. Tentei fazer sons que tivessem essa relação com o tempo e as máquinas. Curti muito e **experiência**, mesmo com o nervosismo. Pensar a **música** e ela partindo de elementos de uma **escultura**. Gostei da **interdisciplinaridade** que as professora propuseram para nós. A **experiência** com a produção (entre) amores, relata experiências de diversas **mulheres** que vivem (entre) o amor. Quando uma flor vem acompanhada de ofensas, quando um **beijo** vem acompanhado de um murro. Para nosso **grupo**, foi solicitada apenas pela professora Edina, pois somos alunas irregulares e já havíamos feito a disciplina da professora Odete no bacharelado. Mesmo não fazendo parte desta **disciplina**, pensamos em trazer esse

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS**

**ANDRESSA PAULINO DE ARAUJO**

**ESCULTURA E/OU INSTALAÇÃO SONORA:  
UMA EXPERIÊNCIA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

**CRICIÚMA  
2018**

**ANDRESSA PAULINO DE ARAUJO**

**ESCULTURA E/OU INSTALAÇÃO SONORA:  
UMA EXPERIÊNCIA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada, no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

**CRICIÚMA**

**2018**

**ANDRESSA PAULINO DE ARAUJO**

**ESCULTURA E/OU INSTALAÇÃO SONORA:  
UMA EXPERIÊNCIA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais, UNESC - Orientadora

Profa. Édina Regina Baumer - Mestre em Educação, UNESC

Profa. Angélica Neumaier - Especialista em Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos, UNESC

A todos que estiveram ao meu lado, me dando forças e me apoiando, para que o sonho da graduação na minha vida se concretizasse. Obrigado!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou fielmente grata a Deus por me permitir realizar o sonho da graduação, e a cada dia, apesar dos grandes desafios, me dar forças para não desistir.

Agradeço a mim mesma, por não me permitir desistir e lutar até o fim pela graduação, em meio a tantos acontecimentos.

Agradeço ao meu namorado, Gabriel dos Santos Barrim, por sempre com seu amor, paciência e dedicação, estar ao meu lado me apoiando.

Agradeço a minha família e aos meus pais pela educação que me deram. Em especial agradeço meu pai, José Pedro de Araujo que sempre esteve disposto a me ajudar não medindo esforços para isso e minha Irmã, Alice Paulino de Araujo que me ajudou do início ao fim, e que é um grande exemplo em minha vida, na qual me espelhei a não desistir da graduação.

Agradeço também, minhas amigas que de uma forma ou de outra estiveram presentes me apoiando a seguir em frente.

Agradeço as minhas colegas e amigas Camila Elias Borges e Gabriela Duzzioni por sempre me incentivarem a não desistir e me animarem nos momentos nem tão bons, e sempre estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins. Por dividirem tristezas e alegrias, fazendo com que eu sempre enxergasse o lado bom das coisas. Sou grata por ter a amizade e o companheirismo de vocês em minha vida.

Agradeço a minha “chefa” e amiga Larissa Teixeira Martins, que desde sempre me incentivou a concluir minha graduação e sempre me apoiou para que eu a realizasse. Sou grata pela sua bondade e sua amizade.

Agradeço meus colegas e amigos de trabalho: Andiele Ghellere, Murilo Daros e Rosemary Ramos por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado me dando forças para seguir, e não medindo esforços para me verem sorrir.

Agradeço também, as professoras e as escolas por onde passei em meus estágios, desde as Séries Iniciais até o Ensino Médio, que sempre estavam dispostas a me ajudar, afim de que eu obtivesse uma boa experiência como futura professora de Artes Visuais.

Agradeço a secretaria do curso de Artes Visuais, Rosilene Ricken, pela sua disponibilidade em ajudar nos momentos em que precisei.

Agradeço todos os professores do Curso, em especial minha orientadora Odete Angelina Calderan, por sua paciência e dedicação durante minha pesquisa e por sempre estar disposta a colaborar com ela.

Agradeço especialmente a minha banca professoras Édina Regina Baumer e Angélica Neumaier, pela leitura e contribuições.

Por fim, concluo meus agradecimentos com a seguinte frase de Augusto Cury: “Construí amigos, enfrentei derrotas, venci obstáculos, bati na porta da vida e disse-lhe: não tenho medo de vivê-la”.

Gratidão, esta é a palavra que define essa minha trajetória. Sou totalmente grata às pessoas que de uma forma ou de outra se propuseram a colaborar com esta minha jornada no curso de Artes Visuais Licenciatura.

A todos, o meu carinho e o meu muito obrigado!

“Escutamos muito pouco do que ouvimos.”

Édina Baumer



## RESUMO

Este trabalho se propõe a uma reflexão sobre a experiência observada em um contexto interdisciplinar realizado nas disciplinas 'Escultura e Pesquisa' e 'Linguagem Musical e Educação', no primeiro semestre de 2018 com alunos da graduação. A abordagem se insere na linha de pesquisa de Educação e Arte, do curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC e traz a seguinte problematização: De que forma o conteúdo abordado em um contexto interdisciplinar pode contribuir com o processo de criação e da experiência no desenvolvimento de uma proposta chamada Escultura e/ou Instalação Sonora? O estudo acontece a partir de relatos dos grupos de alunos que realizaram a proposta junto às imagens em vídeo dos trabalhos. Para dar conta desse estudo me aproximo principalmente dos autores Baumer e Calderan (2014), Baumer e Wiggers (2013), no qual enfatizam em seus trabalhos, experiências de inserção da produção sonora em sala de aula. Em seguida trago meu Projeto de Curso: "Escutar além do que ouvimos e esculpimos: uma abordagem acerca da experiência com sons sonoridades e objetos em uma proposta de escultura e/ou instalação sonora", é uma oficina direcionada aos professores de arte do Ensino Fundamental I e II da Escola de Educação Básica Castro Alves, com o objetivo de incentivar os professores de arte no envolvimento tanto das experiências de escuta de sons, sonoridades e coleta de objetos do cotidiano para a realização de uma proposta de 'Escultura e/ou Instalação Sonora'. Exemplifico trazendo uma experiência interdisciplinar realizada com alunos da Unesc (2018); com Baumer e Calderan (2014), Baumer e Wiggers (2013). Finalizo com sugestões para se possibilitar novas experimentações nas aulas de arte de forma significativa aos alunos, buscando contribuir com um ensino que valorize a pesquisa em arte.

**Palavras-chave:** Experiência. Sonoridade. Som. Interdisciplinaridade. Instalação e/ou Escultura Sonora.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> - Roda de bicicleta (1913).....	16
<b>Imagem 2</b> - Fonte (1917).....	16
<b>Imagem 3</b> - Instalação Sonora de José Antonio Orts.....	20
<b>Imagem 4</b> - Flor da Pele (2018).....	24
<b>Imagens 5 e 6</b> - Processo de Pesquisa.....	24
<b>Imagem 7</b> - Anamnese (2018).....	25
<b>Imagem 8</b> - Palavra (2018).....	29
<b>Imagem 9</b> - Memórias das Estações (2018).....	30
<b>Imagem 10</b> - Instalação Elementos Sonoros (2018).....	31
<b>Imagem 11</b> - Cotidianação (2018).....	32
<b>Imagem 12</b> - Máquina do Tempo (2018).....	33
<b>Imagem 13</b> - (Entre) Amores (2018).....	35
<b>Imagem 14</b> - Sem Título (2018).....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

PPC - Projeto Pedagógico do Curso

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>12</b>
<b>3 O CAMPO HÍBRIDO DA ARTE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>15</b>
3.1 ARTE SONORA .....	18
<b>4 MINHAS EXPERIÊNCIAS NAS DISCIPLINAS ESCULTURA E PESQUISA E LINGUAGEM MUSICAL E EDUCAÇÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>5 ESCULTURA SONORA E/OU INSTALAÇÃO SONORA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA</b> .....	<b>27</b>
5.1 PERCEPÇÃO DOS RELATOS .....	37
<b>6 PROJETO DE CURSO</b> .....	<b>41</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>46</b>
<b>9 APÊNDICE: AUTORIZAÇÃO DO USO DA IMAGEM, DA FALA E DA ESCRITA</b> .....	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo de minha trajetória como estudante, desde as séries iniciais até o momento no curso de Artes Visuais, obtive algumas experiências nas aulas de artes. Tudo começou no Ensino Fundamental durante meus primeiros anos escolares, na Escola de Educação Básica Castro Alves, em Araranguá (SC). Minha professora de artes se chamava Rosângela. Ela desenvolvia todas as linguagens conosco, inclusive música. Na maioria de suas aulas a professora colocava música para tranquilizar os alunos e em diversos momentos apreciamos a música ao fazer atividades principalmente com o desenho e a pintura.

Um evento importante e marcante que aconteceu na escola foi um festival de talentos, onde apenas os alunos a partir do 5º ano poderiam participar, já que a escola tinha turmas até o 9º ano. Era chamado “Tarde de talentos” e ocorria sempre em comemoração ao dia do estudante. Neste evento, os alunos poderiam apresentar seus diversos talentos como dança, declamação de poesia, canto e outros, e seriam avaliados pelos jurados participantes.

Além dos eventos me recordo que a professora Rosângela sempre trazia para suas aulas possibilidade para novas experiências e uma delas foi com argila. Com esse material criamos esculturas inspiradas na cultura indígena após pesquisar sobre o assunto. Ainda dentro dessa temática, buscamos referências em torno dos instrumentos musicais, inclusive a professora trouxe alguns exemplos para que pudessemos interagir com eles apreciando seus sons. Todos os alunos apreciavam suas aulas, pois, havia uma grande interação da professora com os alunos.

No Ensino Médio me recordo apenas das aulas de artes, onde fazíamos releituras de obras importantes, desenho livre e tudo aquilo que contemplamos e chamamos de estereótipos.

Ao ingressar no curso de Artes Visuais Licenciatura encontrei um universo a ser explorado em torno do ensino da arte, da pesquisa e da experiência. Dentre as disciplinas da graduação as que foram marcantes e importantes, foram às disciplinas de Linguagem Musical, Escultura e Pesquisa e Fotografia, junto às experiências que tive com os estágios desde educação infantil ao ensino médio, todas elas me oportunizaram pensar na pesquisa o que me levou ao Trabalho de Conclusão de Curso.

## 2 METODOLOGIA

A proposta Escultura e/ou Instalação Sonora: uma experiência em um contexto interdisciplinar se insere na linha de pesquisa de “Educação e Arte: princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudo sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação”<sup>1</sup>, do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC.

É de cunho qualitativo e exploratório, uma vez que busco investigar em uma proposta interdisciplinar que aconteceu no primeiro semestre de 2018, nas disciplinas Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação, intitulada Instalação e/ou Escultura Sonora.

A autora Minayo traz em sua fala o que é pesquisa qualitativa, que foi a que utilizei para a realização deste trabalho:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p.21)

A partir desse caminho de estudo e reflexão quanto à pesquisa, Zamboni (1998, p.21) fala que: “a arte é uma forma de conhecimento, que nos capacita a um entendimento mais complexo de certa forma mais profundo das coisas.” Assim, procuro compreender: De que forma o conteúdo abordado em um contexto interdisciplinar pode contribuir com o processo de criação e da experiência no desenvolvimento de uma proposta chamada Escultura e/ou Instalação Sonora?

Partindo disso, surgiram as questões norteadoras como: De que forma a interdisciplinaridade pode ser trabalhada em um contexto de arte? De que forma o processo de aprendizagem em arte pode ser significativo para o aluno? Como o professor de arte pode fazer uso do campo híbrido das linguagens e as relações com o universo sonoro nas produções artísticas dos alunos?

---

<sup>1</sup> RESOLUÇÃO nº 3/2014 COLEGIADO UNAHCE. Projetos Pedagógicos do Curso de arte Visuais Licenciatura - PPC. Linhas de Pesquisa (p.29). Disponível em: [http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic\\_01-12-16.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic_01-12-16.pdf). Acesso em: 26 Out. 2018.

Procurando responder meu problema de pesquisa e as questões aqui apresentadas encontro na proposta interdisciplinar das professoras Édina e Odete realizada com seus alunos, uma possibilidade para o estudo através de seus relatos de experiência. O estudo acontece a partir da atividade proposta a 30 alunos da graduação, sendo vinte e quatro alunos da 6ª fase e dois alunos irregulares da 8ª fase do curso de Artes Visuais Licenciatura, bem como, três alunos do curso de Letras. Todos são alunos da Unesc.

Quanto aos relatos solicitei aos alunos de Artes Visuais que me encaminhassem as falas via áudio contando a experiência. Aos alunos de letras enviei email solicitando uma escrita ou áudio, porém não obtive retorno. Solicitei essas experiências conforme os grupos listados a seguir: **Grupo A:** Cristiano, Talia e Luiz Eduardo; **Grupo B:** Stéfany, Hellen, Fatrine, Priscila e Isabela; **Grupo C:** Felipe, Lucas, Camila, Ariel, Gleyson e Scheila; **Grupo D:** Júlia Helena, Caroline, Ana Paula, Marina, Walter e Joice; **Grupo E:** Rafaela; **Grupo F:** Juliana, Rayne e Cibele; **Grupo G:** Débora, Emilly, Jorge, Juliana, Júlio Cesar e Vitor Hugo. A partir desses grupos, solicitei um relato por grupo para realizar o estudo.

Para uma melhor compreensão da escrita o organizei em capítulos e subcapítulos listados a seguir:

Na “Introdução”, trago minha trajetória desde as séries iniciais até a escolha do curso de Artes Visuais Licenciatura. No segundo capítulo trago a “Metodologia” de minha pesquisa com Minayo (2009) e Zamboni (1998).

Em seguida apresento o capítulo “O campo híbrido da arte contemporânea”, sobre a Arte Contemporânea fazendo um breve resumo dos movimentos mais importantes. Trago as obras de Marcel Duchamp pela relevância para a compreensão da Arte Contemporânea. Autores referentes Archer (2001), Baumer e Wiggers (2013), Lamas (2007). Logo, no subcapítulo “Arte sonora”, falo sobre arte sonora e suas projeções com Campesato (2007), Krauss (1984), Baumer e Wiggers (2013), Campesato, Lazzetta (2006), Bosseur (1998, p.32, apud CAMPESATO; LAZZETTA, 2006).

Em seguida, no capítulo “Minhas experiências nas disciplinas de Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação”, relato algumas experiências realizadas nas disciplinas com a Professora Odete e a Professora Édina, trazendo Bondía (2002), Baumer e Wiggers (2013), Krauss (2007), Luna (2016), junto ao PPC (2010) e o ementário das duas disciplinas.

No capítulo “Escultura sonora e/ou instalação sonora: relatos da experiência”, apresento relatos dos alunos participantes, dos cursos de Artes Visuais Licenciatura e do curso de Letras, a partir da proposta *Escultura Sonora e/ou Instalação Sonora*, que se refere a uma atividade articulada entre as disciplinas Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação. No subcapítulo “Percepção dos relatos”, discorro a partir da análise dos relatos coletados com os alunos estudados perante a proposta Escultura e/ou Instalação Sonora, trazendo a percepção dos alunos diante das experiências. Trago Baumer e Calderan (2014), Baumer e Wiggers (2013) e Oliveira (2008).

Em seguida trago meu Projeto de Curso: “Escutar além do que ouvimos e esculpimos: uma abordagem acerca da experiência com sons sonoridades e objetos em uma proposta de escultura e/ou instalação sonora”, é uma oficina direcionada aos professores de arte do Ensino Fundamental I e II da Escola de Educação Básica Castro Alves, com o objetivo de incentivar os professores de arte no envolvimento tanto das experiências de escuta de sons, sonoridades e coleta de objetos do cotidiano para a realização de uma proposta de ‘Escultura e/ou Instalação Sonora’. Exemplifico trazendo uma experiência interdisciplinar realizada com alunos da Unesc (2018); com Baumer e Calderan (2014), Baumer e Wiggers (2013).

Por fim, nas “Considerações finais”, apresento as respostas e resultados coletados, na qual é o tema central deste Trabalho de Conclusão de Curso, a partir das minhas experiências e dos relatos dos alunos. Ainda trago sugestões para se possibilitar novas experimentações nas aulas de arte de formas significativas aos alunos. Trago como referências que me acompanham em toda a pesquisa Baumer e Calderan (2014), Baumer e Wiggers (2013).



### 3 O CAMPO HÍBRIDO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

De início, aparenta-se que quanto mais apreciamos algo, menos certeza pode ter que tal obra possa ser “definida” como arte. Por outro lado, parece que não há nenhum material específico ou particular que pode ser classificado como material somente da arte. Como diz Archer (2001) “a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas,” a arte usa de materiais variados para a sua criação, não limitando o artista a usar um material específico. O que é importante na arte é a ideia do artista para tal criação, com amplas possibilidades de linguagens, técnicas e materiais inseridas em um campo híbrido.

Ao longo do século XX muitos movimentos artísticos foram surgindo dividindo-se em dois grandes momentos: a da Arte Moderna e a Arte Contemporânea.

Com a Arte Moderna surgem os importantes movimentos como o Impressionismo, o Cubismo, o Suprematismo, o da Fotografia, o Surrealismo e outros. Esses movimentos destacaram-se, pois, apresentaram propostas inéditas, obras questionadoras, fugindo muitas vezes daquilo que era classificado como belo na época.

Outro artista precursor deste período foi Marcel Duchamp, (1887-1927) com obras singulares em que denominava *ready-made* “para descrever objetos fabricados em séries que ele escolhia, comprava e, a seguir, designava como obras de arte” (ARCHER, 2001, p.3) e que indagavam o observador a pensar sobre elas. Nos primeiros *ready-mades* criados por Duchamp o artista apresenta não mais estilo ou habilidade, mas redireciona a ação e percepção do artista para a escolha de objetos prontos do dia a dia. Amplia a percepção do espectador para o que está exposto como um mictório ou uma roda de bicicleta, denominando-os como obra arte. O que fez com que muitos críticos da época desaprovassem como sendo algo não agradável aos olhos, ou seja, algo que não era belo.

*Roda de Bicicleta*<sup>2</sup> (1913) (Imagem 01) e a *Fonte*<sup>3</sup> (1917) (Imagem 02) foram algumas das obras que se destacaram e desencadearam o início do período moderno.



**Imagem 01:** Marcel Duchamp. *Roda de Bicicleta*, 1913.<sup>4</sup>



**Imagem 02:** Marcel Duchamp. *Fonte*, 1917.  
Fonte: livro *Caminhos da Escultura Moderna*, de Rosalind Krauss

<sup>2</sup> Obra de Marcel Duchamp. Trata-se de uma roda de bicicleta montada sobre um banco.

<sup>3</sup> Obra de Marcel Duchamp (1917). Um urinol masculino assinado R. Mutt.

<sup>4</sup> Fonte: BRASIL ESCOLA. A arte após primeira guerra mundial. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-arte-apos-primeira-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 15 Out. 2018.

A aceitação não se deu de imediato, mas na contemporaneidade essas obras e os movimentos são vistos como uma grande revolução artística, pois as barreiras daquilo que poderia ser arte ou não, pôde ser rompida. Quebraram-se as barreiras da arte convencional, dando lugar a uma arte mais questionável e controversa.

A arte quebra com barreiras impostas pela sociedade e pela própria ciência, onde tudo precisa ser explicado. Ela estabelece paradigmas, nos apresentando novos modos de observar e interpretar o que nos cerca, sendo que para ser compreendida apenas precisa ser sentida, percebida e apreciada, de forma a valorizar as experiências através dos sentidos (BAUMER; WIGGERS, 2013, p.737).

Desde então, os artistas passaram a pensar e questionar qual seria o objetivo da arte e percebeu-se então que a arte é a junção da emoção com a expressão interior e que juntando os dois pode-se criar uma obra que vá além do que se vê.

Nasce em um período mais recente, a Arte Contemporânea, onde a ideia passa a ser o aspecto mais importante de um trabalho artístico, pois, a estética da obra já não é o que mais se destaca, mas sim o processo de pensamento do artista que cria explorando a subjetividade.

E quanto à apreciação desses trabalhos, não existe um senso comum, ou seja, nem todos os espectadores tem a mesma opinião ou sentiram o mesmo pelo o que veem. Por isso, a arte contemporânea ainda levanta algumas polêmicas quanto ao que o público vê e como interpreta uma obra.

Dentro da Arte Contemporânea, movimentos artísticos inovadores começaram a surgir e nos dias de hoje estão consolidados como: Arte Conceitual com suas reflexões visuais; a Arte Povera com seus materiais simples e naturais trazendo em destaque a pintura, a escultura, as instalações e performances, criando efemeridade artística; a Arte Cinética, com pinturas e esculturas vibrantes; a Pop Art, trazendo a cultura de massa; a Op Art, baseada na ilusão de ótica; o Expressionismo Abstrato, com a idéia de movimento e subjetividade; o Minimalismo, com poucos elementos por uma narração; o Action Painting, com pinturas gestuais; a Land Art, com obras integradas ao próprio espaço; o Street Art, com artes urbanas como o grafite; Body Art, utilizando o corpo como matéria de arte; Arte Sonora, na qual o som é de modo peculiar se aproximando de um contexto expandido de escultura, instalação e criação plástica, mesclando música, artes plásticas e arquitetura.

A Arte desde então, se torna um meio de várias possibilidades, tornando-se um híbrido. No livro *“Arte contemporânea em questão”*, o hibridismo é:

A impossibilidade de não conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea. Não há mais limites entre pintura e desenho, ação e performance, objeto e escultura, instalação e site Specific Work. (LAMAS, 2007, p.32).

Ou seja, o contexto híbrido da arte não é algo singular, é plural, passando a reunir em seu conjunto algumas vezes, mais de uma linguagem, técnica e materiais; nas mais variadas formas de apresentação ao espectador. Assim, na contemporaneidade está cada vez mais difícil estabelecer medidas para a o entendimento e definição de apenas uma linguagem em uma obra, pois, ela passa a ser uma mistura delas, um híbrido.

A Arte Contemporânea ainda passa a ser mais questionadora, onde “nada pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar” (ARCHER, 2001), e complementa Baumer e Wiggers (2013, p.747): “ideias, opiniões e percepções mudam a todo o momento, basta ampliarmos nossa percepção para além do que nos marca e do que se torna cômodo para nós”.

O processo de pensamento não é algo totalmente definido, pois a arte depende de nós mesmos, e nossas definições e pensamentos podem mudar, ainda conforme os autores Baumer e Wiggers (2013, p.747), “dentro disso, uma coisa é certa, aos poucos nos tornamos capazes de desenvolver formas próprias de fruição, de apreciação e até de seleção dos objetos de fruição que nos rodeiam”, pois através da arte nos tornamos seres pensantes a partir das experiências que temos e nosso repertório tende a se abranger cada vez mais.

### 3.1 ARTE SONORA

Desde pequenos, ouvimos vários tipos de sons e sem perceber respondemos a eles. O universo sonoro que nos rodeia está cada vez mais amplo e nossas experiências com vários tipos de sons são ampliadas constantemente. Mendes e Cunha (2003) ressaltam esse aspecto em um capítulo do livro *“O ensino das artes: construindo caminhos”*:

No ventre materno, o bebê escuta sons produzidos pelo corpo hospedeiro, criador, de sua mãe e sons do mundo exterior. Após o nascimento passa a reconhecer os sons dos brinquedos, a voz dos familiares, e o corpo responde a eles imediatamente com uma gargalhada, um choro ou deslocando em sua direção. (MENDES; CUNHA, 2003, p.80)

Ou seja, o universo sonoro se constitui da junção do som e do silêncio que então surge à música onde dela derivam vários formatos de se compor; através de instrumentos musicais, objetos, movimentos corporais entre outras características.

Alguns artistas tiveram destaque como o importante John Cage, que influenciou as vanguardas europeias mais do que qualquer outro compositor norte-americano. Encontramos a sua concepção mais extrema da música na peça intitulada 4'33" (*quatro minutos e trinta e três segundos, 1952*), em que os músicos ficam sentados em silêncio durante esse tempo indeterminado, constituindo os ruídos gerados pela própria plateia ou provenientes do exterior a própria música. O artista foi selecionado como um bom exemplo de sons ambientais como Cunha e Correa (2013) destacam, pois esta obra foi fortemente marcada por sons do silêncio onde aqueles sons não criados propositalmente e fizessem ou não sentido.

Seu trabalho é referente aos sons ambientais, ao ruído; o barulho não-proposital entra em cena, com sons completamente aleatórios, e fora do controle da escolha do artista. A utilização desse silêncio por Cage não se dá meramente como parte da sonoridade, mas como o próprio elemento compositivo (CUNHA;CORREA, 2013, p.02)

Enquanto ouvinte, nos limitamos a ouvir os sons como sons, apreciando-os um a um, sem tentar estabelecer qualquer ligação entre eles, não esperando que a música transmita qualquer espécie de sentimento ou sentido.

Outra artista que destaque é Raquel Stolf, catarinense da cidade de Indaial, na maioria de seus trabalhos trata do silêncio, como a própria artista afirma para o *site* Pesquisas Artísticas Presentes<sup>5</sup>:

Venho investigando relações entre processos de escrita e situações de escuta através da produção de proposições sonoras (agrupadas em CDs de áudio com material gráfico), que podem ser desdobradas em instalações, micro-ações e micro-intervenções sonoras, vídeos, fotografias, desenhos e textos, pensando intersecções, desvios e deslocamentos entre sons, textos e contextos. Esses trabalhos envolvem tanto experiências de escuta de ruídos dos arredores, a edição de gravações de campo e de apropriações sonoras, como suscitam ressonâncias e flutuações entre usos da palavra e conceitos de silêncio, sendo que muitas das proposições se tangenciam e geram outros desdobramentos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.pap.art.br/artista/2802>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

Tenho um interesse por uma “escuta porosa”, imantada por uma “palavra pênsil”, a qual pode catalisar desdobramentos sonoros e acústicos. Uma escrita e escuta minuciosas, atentas às oscilações entre sentido e não-sentido, ao silêncio enquanto rumor incessante e aos trânsitos e interstícios entre voz escrita, voz falada, voz sem palavra e não-voz.

Um de seus trabalhos intitulado *Assonâncias de silêncios* (2011)<sup>6</sup>, a artista o faz em uma biblioteca, onde dá uma pausa para escutar e gravar o “silêncio”:

As tipologias de silêncios foram construídas a partir de minha visita à Biblioteca de Direito da UFRGS, na tarde e noite de 14/09/2011, para gravar alguns silêncios. Quando subi a escada de madeira escura (para ir até uma espécie de mezanino), avistei sobre as estantes de livros várias caixas de papelão empilhadas, as quais tinham etiquetas brancas coladas, com os dizeres: ARQUIVO IRRECUPERÁVEL e ARQUIVO OCIOSO. Esses textos permaneceram imóveis em minha escuta. Fiquei pensando muito no acervo de 100 anos, num silêncio ocioso (da gata Mimi, que visita/habita a Biblioteca e lambe as patas na atmosfera de leitura) e num silêncio irrecuperável. O que se perde na escuta? o que se perde no tempo? O que não podemos perder? (STOLF, 2011)

Assim, como o silêncio e os sons nos causam sensações, a música tem um grande papel sobre nosso universo sonoro, pois quando ouvimos somos direcionados a sentir diferentes emoções, que podem se manifestar pelas lembranças, sentimentos adversos e também pela nostalgia. De certa forma, nem sempre nos leva a lembrança de algo, mas nos faz transitar por “diferentes estados de ânimo evocados pelo sentimento estético” (MENDES; CUNHA, 2003, p.81), portanto, a música juntamente com todos os tipos de sons, é capaz de nos fazer experimentar diferentes sensações e percepções. Deve-se ressaltar que o som não está ligado apenas à música no sentido em que nós conhecemos, mas que o universo sonoro é compreendido por diferentes ruídos do nosso cotidiano, da natureza e do próprio corpo.

A arte sonora baseia-se na arte de produzir som, ou seja, o som é o principal aliado na criação de uma composição seja de forma expandida ou não, podendo formar-se através da hibridização de diferentes linguagens. “A arte sonora concebe o som como um elemento plástico, capaz de ser moldado” (CAMPESATO, 2007, p.62).

Em meados dos anos 70, a música e o som passaram a ser utilizados em contextos expandidos<sup>7</sup>, onde junto a eles a escultura, a instalação e diferentes

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.raquelstolf.com/?p=668>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

<sup>7</sup> Conceito abordado e defendido pela autora Rosalind Kraus no livro *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

criações artísticas, puderam se hibridizar<sup>8</sup> misturando-se com elementos sonoros como a música, a arquitetura e as artes visuais, compondo a *Sound Art*, Arte Sonora (traduzido para o português). A escultura em campo expandido também pode se utilizar da arte sonora. Krauss (1984) fala que:

Nos últimos 10 anos coisas realmente surpreendentes tem recebido a denominação de escultura: corredores estreitos com monitores de TV ao fundo; grandes fotografias documentando caminhadas campestres; espelhos dispostos em ângulos inusitados em quartos comuns; linhas provisórias traçadas no deserto.

Está cada vez mais complexo definir o termo escultura, ao longo dos anos como nos diz Rosalind Krauss, a escultura vem sendo vista de outras formas e não apenas como aquela forma tradicional, “engessada”. Escultura sonora, instalação e áudio-arte estão cada sendo cada vez mais comuns no campo da arte.

Partindo dessa reflexão a mudança do termo Escultura, Campesato e Lazzetta, abordam em sua tese de pós-graduação em música ECA/USP intitulada “*Som, espaço e tempo na arte sonora*”, sobre a questão da escultura sonora e/ou instalação sonora do artista José Antonio Orts:

[...] tem diversos trabalhos de arte sonora em que sons curtos disparados pela presença do público geram estruturas rítmicas estáticas, sem início ou fim. Seus objetos sonoros são ao mesmo tempo fontes sonoras e esculturas. O artista cria pequenos aparelhos que geram sons por meio de circuitos eletrônicos simples conectados a pequenos alto-falantes embutidos em tubos metálicos de diferentes dimensões. A obra é constituída pela interação entre a presença do público com esses objetos sonantes, os sons que eles produzem e as ressonâncias do próprio ambiente. (CAMPESATO; LAZZETTA, 2006)

---

<sup>8</sup> NARLOCH Charles in: LAMAS, Nadja Carvalho. Arte contemporânea em questão. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007, p. 29-37.



**Imagem 03:** *Instalação Sonora* de José Antonio Orts.

Fonte: Tese *Som, espaço e tempo na arte sonora* de Campesato e Lazzeta, 2006.

Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/anppom\\_2006.pdf](http://www2.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/anppom_2006.pdf)

As produções de arte sonora normalmente são instalações e esculturas sonoras onde a composição da obra ocorre em junção com a construção do próprio espaço existente. O espaço possui importância durante estes trabalhos, não delimitando a obra, mas como parte integrante da mesma.

Conseqüentemente nas instalações se utilizam materiais escultóricos e mídias diversas, que alteram a maneira que uma pessoa aprecia um espaço particular. Segundo Bosseur (1998, p.32, apud CAMPESATO e LAZZETTA, 2006) “nas instalações o som contribui para delimitar ativamente um lugar reabsorvendo a oposição dualista entre tempo e espaço. Uma das principais propriedades do som é a de esculpir o espaço”. Ou seja, o som de alguma forma completa os espaços, mesmo que visivelmente não apareça.



#### 4 MINHAS EXPERIÊNCIAS NAS DISCIPLINAS ESCULTURA E PESQUISA E LINGUAGEM MUSICAL E EDUCAÇÃO

Durante o curso de graduação em Artes Visuais - Licenciatura vivenciei experiências nas quais foram significativas em várias disciplinas. Nas disciplinas de Estágio obrigatório, desenvolvi projetos para aplicar em turmas do ensino infantil juntamente com as séries iniciais, ensino fundamental I e II, ensino médio e em espaços não formais com certeza me trouxeram experiências relevantes para meu processo de aprendizagem.

Segundo Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p.21)<sup>9</sup>. Isto é, a experiência é aquilo que nós mesmo sentimos e vivenciamos, e não as experiências dos outros. Para que a arte agregue valor é necessário compreender que as experiências que temos são distintas e afetam de modo diferenciado cada pessoa (BAUMER; WIGGERS, 2013, p.737).

Na disciplina de Escultura e Pesquisa ministrada pela professora Odete Angelina Calderan foram abordados processos investigativos em torno da criação a partir de diversos métodos e procedimentos de diferentes trabalhos, aliados as técnicas e materiais como argila, apropriação de objetos do cotidiano, sons e outros, ampliada pela prática e reflexão.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso – PPC<sup>10</sup>, a disciplina traz em seu ementário: Pesquisa em materiais alternativos. Polímeros. Sucatas de diversos materiais: metal, vidro, madeira, tecidos, telas, fios, resina. Técnicas específicas para seu manuseio (PPC, 2010, p.102)<sup>11</sup>.

Para dar conta da ementa contemplada no plano de ensino da disciplina de Escultura e Pesquisa, uma das referências principais do semestre foi Rosalind Krauss autora do livro *Escultura no campo ampliado* (2007). As propostas apresentadas na disciplina foram articuladas no estudo do ‘campo ampliado da escultura’, Para uma melhor compreensão desse assunto, nos foi exposto o Grupo

---

<sup>9</sup> BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 21 Set. 2018.

<sup>10</sup> PPC do Curso de Artes Visuais – Licenciatura: Disponível em: [http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic\\_01-12-16.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic_01-12-16.pdf)

<sup>11</sup> Projeto Pedagógico do Curso – PPC (p.139). Disponível em: Acesso em: 21 Set. 2018. <http://www.unesc.net/portal/capa/index/615/10064>.

de estudo e pesquisa em arte e docência, ArteVersa<sup>12</sup>, atualmente um site que apresenta um universo virtual de artistas contemporâneos, uma “coleção de exemplos” que instiga a pensar sobre o campo expandido da arte e também de possibilidades expandidas para a docência

[...] O campo estabelece tanto um conjunto ampliado, porém finito, de posições relacionadas para determinado artista ocupar e explorar como uma organização de trabalho que não é ditada pelas condições de determinado meio de expressão [...] Consequentemente, dentro de qualquer uma das posições geradas por um determinado espaço lógico, vários meios diferentes de expressão poderão ser utilizados. Ocorre também que qualquer artista pode vir a ocupar, sucessivamente, qualquer uma das posições. Da mesma forma, na posição limitada da própria escultura [...].

A arte rompe aqueles rótulos disciplinares se abrindo para um campo expandido. Luna (2016, p.857) ressalta que:

Tal expansão é forjada primeiramente a partir do esvaziamento da categoria escultura, mas pode e têm sido pensadas em inúmeras instâncias desde a multiplicidade de misturas e permutas entre os diversos meios. De tal sorte que cabe agora falarmos de um campo expandido da arte, de um campo expandido do discurso sobre arte, sua prática, sua crítica. O próprio discurso recria e dilata a obra, mantendo-a aberta, expandida.

Participei de outro projeto iniciado em 2015 chamado *Painel Coletivo Plural*<sup>13</sup>. Cada aluno cria e desenvolve a sua peça hexagonal em cerâmica que irá compor o painel que é desenvolvido por nós acadêmicos, egressos, professores e funcionários da Unesc.

A criação da peça hexagonal em argila “*À Flor da pele*” (Imagem 04), teve como ponto de partida a conexão híbrida entre o coração e natureza. A partir da ideia de uma flor que brota dentro do coração, que para mim significa os sentimentos que brotam na/da gente, sejam sentimentos positivos ou negativos, permeados por nossos atos e vivências. “*À flor da pele*”, também significa sentimentos que muitas vezes não podemos controlar acompanhados de ações que em muitos momentos, não temos domínio. Expor a minha ideia juntamente com meus colegas, me fez ver o quanto cada um carrega uma subjetividade consigo, pois todos de alguma maneira desenvolveram seus trabalhos de acordo com suas ideias, escolhas, percepções do mundo que nos rodeia.

---

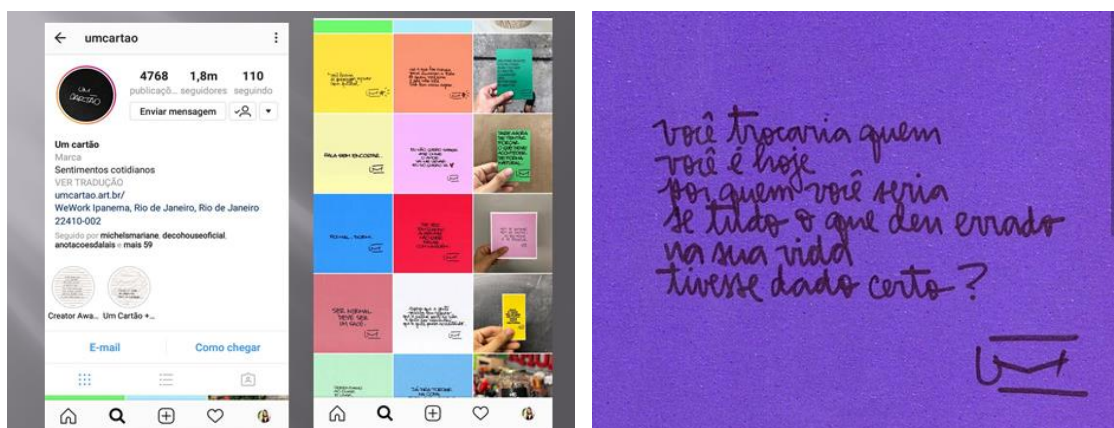
<sup>12</sup> Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência (Faculdade de Educação/UFRGS/CNPq). Formado por Dra. Luciana Gruppelli Loponte, acadêmicos graduados e bolsistas. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/artevera/?page\\_id=261](https://www.ufrgs.br/artevera/?page_id=261). Acesso em: 21 de Set. de 2018.

<sup>13</sup> Painel Coletivo Plural – Localizado no Bloco Administrativo, próximo a Sala Edi Balod, Unesc.

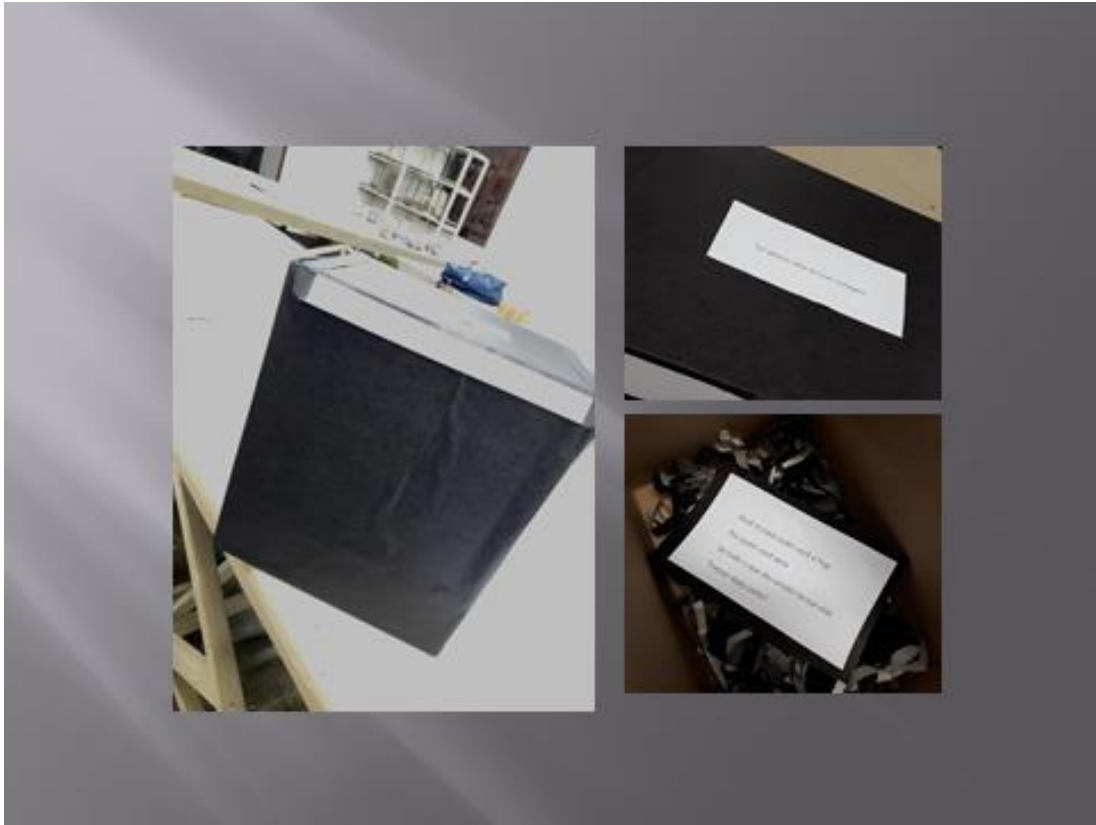


**Imagem 04:** *À Flor da pele*, 2018.  
Fonte: acervo da autora, Andressa Araujo

Em outro momento desenvolvi uma escultura no campo expandido a partir de uma frase: “*Você trocaria quem você é hoje, por quem você seria se tudo o que deu errado na sua vida, tivesse dado certo?*” A partir desta frase de reflexão, fiz então uma caixa de papelão encapada de preto em tamanho médio, coloquei uma frase colada em cima com a tampa fechada e escrito “*só abra olhe se tiver coragem*” (Imagem 05, 06, 07).



**Imagem 05, 06:** *Processo de pesquisa*, 2018  
Fonte: acervo da autora, Andressa Araujo



**Imagem 07:** *Anamnese*, 2018  
 Fonte: acervo da autora: Andressa Araujo

A intenção com meu trabalho foi despertar a curiosidade do espectador/leitor, e em segundo o fazer refletir sobre como sua vida está hoje, como talvez ela pudesse ter sido se o que deu errado lá atrás tivesse dado certo, e se ele trocava essa vida no presente por uma ideia de vida sonhada lá no passado. Assim despertando sua memória do passado e trazendo-o para o presente, dei o título “*Anamnese*”<sup>14</sup>.

Na disciplina de Linguagem Musical e Educação foi abordada a “música como linguagem da arte. Aspectos teórico-práticos da Música. Pressupostos artísticos, históricos e estéticos da Música e sua relação com o contexto escolar” (PPC, 2010, p.125) isso de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso – PPC. Durante a disciplina estudamos o que é música tonal, modal e serial; os elementos da linguagem musical; relações entre som e imagem, sonoplastia, escuta e apreciação de sons.

---

<sup>14</sup> Lembrança pouco precisa; reminiscência, recordação. Disponível em [https://www.google.com.br/search?safe=active&source=hp&ei=LmupW529DcWFwQSdt46oAw&q=anamnese&oq=anam&gs\\_l=psy](https://www.google.com.br/search?safe=active&source=hp&ei=LmupW529DcWFwQSdt46oAw&q=anamnese&oq=anam&gs_l=psy). Acesso em: 26 de setembro de 2018.

Cursei a disciplina no primeiro semestre de 2017. Foi através da disciplina que pude compreender a importância que a linguagem da música tem para o processo de ensino da arte com os alunos, pois esta não precisa ser trabalhada isoladamente na aprendizagem, mas fazendo ligações com outras linguagens da arte ocorrendo à hibridização. Tivemos experiências como apreciação, escuta e criação de sons.

Uma das atividades solicitadas pela professora Édina no decorrer da disciplina foi desenvolvida em grupos. O meu grupo era formado pelas colegas Gabriele, Camila, Vitória e Franciele. A proposta de atividade era a criação de uma produção sonora, a partir de materiais diversos e das referências que tivemos na experiência anterior em que fizemos uma coleta de sons<sup>15</sup>, em que teve o papel de nos fazer perceber as variedades de sons que estão presentes em nosso cotidiano, e também a partir do que já tínhamos visto até ali. Meu grupo então, decidiu fazer uma espécie de colagem musical fazendo o uso da poesia e de instrumentos. Utilizamos para isso o violão onde fizemos alguns acordes, o *cajon* e a voz. Falávamos palavras que definiam Arte, ditas fora de ordem. Esta experiência foi muito significativa e desafiadora para mim e para o grupo, pois nos dias de hoje, fugir dos estereótipos impostos pela sociedade é uma tarefa cada vez mais complexa. Tendo em vista esse aspecto, a atividade nos fez enxergar além do que estamos acostumados, e nos fez explorar diferentes maneiras de criar sons.

Algumas das experiências que ocorreram na disciplina de Linguagem Musical e Educação serviram como base importante para minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. E vejo que a partir das experiências vivenciadas durante minha trajetória no curso, tiveram papel fundamental de fazer perceber o quanto a arte está a nossa volta e quanto é significativa.

---

<sup>15</sup> Escuta de sons pelo campus da UNESC

## 5 ESCULTURA SONORA E/OU INSTALAÇÃO SONORA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA

De acordo com as professoras Édina e Odete, a proposta *Escultura Sonora e/ou Instalação Sonora* vem ocorrendo apenas nas disciplinas de licenciatura de Artes Visuais, articulada entre as disciplinas Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação e teve como ponto de partida a organização dos grupos de alunos dentro da disciplina da professora Édina. Tendo em vista este processo, apresento aqui um conceito de interdisciplinaridade Para Oliveira (2008, p.79) “Na multidisciplinaridade não existe relação entre as disciplinas, na interdisciplinaridade há algumas relações, na transdisciplinaridade há um eixo comum [...]”.

No primeiro semestre de 2018, os grupos de alunos se uniram pelas afinidades e interesse durante o período que ocorreu às disciplinas. Na disciplina Escultura e Pesquisa com a professora Odete, alguns dos alunos, me incluo nessa lista já haviam feito a disciplina da professora Édina, por isso, no meu caso participei apenas como ouvinte e observadora da experiência dos demais colegas.

Na disciplina da professora Édina além do curso de Artes Visuais, acadêmicos do curso de Letras também estavam fazendo a disciplina e retornaram o convite do áudio para o relato.

Assim, foram formados os grupos listados a seguir: **Grupo A:** Cristiano, Talia e Luiz Eduardo; **Grupo B:** Stéfany, Hellen, Fatrine, Priscila e Isabela; **Grupo C:** Felipe, Lucas, Camila, Ariel, Gleyson e Scheila; **Grupo D:** Júlia Helena, Caroline, Ana Paula, Marina, Walter e Joice; **Grupo E:** Rafaela; **Grupo F:** Juliana, Rayne e Cibele; **Grupo G:** Débora, Emilly, Jorge, Juliana, Júlio Cesar e Vitor Hugo.

A partir da formação dos grupos os alunos saíram para coletar sons do cotidiano pelo campus da UNESC, que puderam se caracterizar de diversas maneiras como um apito de trem ao longe, um arrastar de uma cadeira, o canto dos pássaros, o balançar das folhas no jardim, o abrir e fechar de uma janela e outros sons. Os acadêmicos escolheram lugares específicos no campus, como a biblioteca, o banheiro, o estacionamento e etc. Esta proposta, teve o intuito de fazer com que os acadêmicos pudessem conhecer amplas formas de sonoridade.

Acontecendo paralelamente em outro dia na disciplina de Escultura e Pesquisa com a professora Odete, os alunos passaram a criar seus projetos de

escultura a partir da observação e seleção dos objetos do cotidiano fazendo conexão com as sonoridades já percebidas.

A partir de alguns dias de pesquisa, os alunos passaram a fase dos ensaios que aconteceram durante o período de realização da proposta.

A apresentação aconteceu no final do primeiro semestre de 2018 e segundo algumas regras das professoras, a produção deve acontecer em um tempo determinado de dois minutos na Sala do Teatro (Unesc) com as cortinas fechadas e em ambiente escuro e em absoluto silêncio por parte do público. E, novamente em um segundo momento se repete a apresentação em dois minutos com todas as luzes ligadas e cortinas abertas. O objetivo é que primeiramente toda a atenção esteja no sentido da audição. E posteriormente audição e visão.

No decorrer das apresentações foi realizada a gravação das apresentações, que deu origem a um vídeo que contou com o belíssimo apoio e criação das alunas da 8ª fase do curso de Artes Visuais Licenciatura Jessica Homem Heck e Juliana Ribeiro da Silva. O vídeo encontra-se no acervo do curso de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura.

**Para dar sequência e entender a questão principal da minha pesquisa: De que forma o conteúdo abordado em um contexto interdisciplinar pode contribuir com o processo de criação e da experiência no desenvolvimento de uma proposta chamada Escultura e/ou Instalação Sonora? Solicitei aos participantes da proposta que me enviassem um áudio contando em forma de relato sobre a experiência interdisciplinar. Como nem todos os integrantes do grupo me encaminharam os relatos, selecionei apenas um representante de cada, no máximo dois.**

**No Grupo A: Cristiano, Talia e Luiz Eduardo - com o título Instalação “Palavra”, Cristiano afirmou que o mais legal foi pensar o trabalho enquanto uma instalação, não só como uma escultura sonora (Imagem 08).**

*Relato de Cristiano: “Eu acho que ela contempla mais uma ideia de instalação do que propriamente de escultura. Então nossa instalação sonora é intitulada Palavra. Nós a fizemos sob uma mesa redonda e usamos vários dispositivos que utilizam a palavra. Então nós usamos um computador, uma máquina de escrever e um caderno com caneta. E dentro de uma ideia de uma sincronia entre as palavras e as ordens de tempo que cada um tinha para escrever, a gente fez uma composição*

*sonora. A gente se preocupou tanto com o som que tava sendo emitido como pelo significado das palavras que a gente usou para fazer esta instalação sonora. As palavras que nós usamos todas elas tem relação com a arte contemporânea. A gente tinha uma preocupação de não usar palavras quaisquer, a gente pensou palavras que tinham haver com os discursos da arte contemporânea e aquilo que nós pensamos que tinha haver com a nossa instalação sonora.”*



**Imagem 08:** *Palavra*. Vídeo

Fonte: Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

O **Grupo B:** Stéfany, Hellen, Fatrine, Priscila e Isabela - a produção sonora intitulada “*Memórias das Estações*”, conforme Stéfany, eles pensaram em trazer um pouco de sons que remetessem a memórias que elas tinham, e que muitas memórias estavam ligadas á estações do ano (Imagem 09).

*Relato de Stéfany - “A gente trouxe uma mala, que trazia a lembrança de viajar, de viagens que a gente faziam de coisas que a gente carrega em nossa bagagem. Cada som que agente foi produzindo, fui listando para levar para a apresentação. A*



*gente acabava lembrando alguma história e isso foi se ligando, e acabou que saiu um trabalho incrível. Que era tão difícil de montar, de produzir e som de testar as coisas, e no final foi ótimo. A gente acabava até ficando emocionados principalmente com a mala que estava no meio e com os objetos que a gente produziu os sons e as cordas que enrolavam a mala. Foi uma experiência incrível e eu gostei muito e espero que, quer dizer eu fico triste por outras fases não terem mais esta oportunidade dessa ligação entre as disciplinas que foi muito importante, E espero que levem isso para o futuro como professor artista e nos estúgios.”*



**Imagem 09:** *Memórias das Estações.* Vídeo  
Fonte: Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

O **Grupo C:** Felipe, Lucas, Camila, Ariel, Gleyson e Scheila - a produção foi intitulada “*Elementos Sonoros*”, eles fizeram o trabalho com elementos como: terra, fogo, ar e água (Imagem 10).

*Relato de Felipe - “Primeiramente, elaboramos a atividade com o tema fogo. Utilizamos uma lata de refrigerante foram colocadas algumas velas em uma chapinha. Colocávamos com conta gotas a água e ali produzia um ‘chiado’, produzia*

*um som. Foi feito também, uma escultura de cerâmica em formato de árvore, colocamos vidros e garrafas com água, que produzia sons diferentes. Em outro momento, com garrafas, que com o vento produzia diversos sons. Também foi feito um moinho, dentro dele tinha arroz, que com a água produzia um som. Experiência positiva. Com este trabalho pude abrir o olhar sobre a escultura, e não pensar nela com um objeto único ou isolado das outras coisas. E de também poder inserir elementos do nosso cotidiano, que poderiam ser descartados, e nos proporcionou visibilizar uma oportunidade de inserir na sala de aula. Se aproxima mais de uma instalação do que escultura.”*



**Imagem 10:** Instalação *Elementos Sonoros*. Vídeo  
 Fonte: Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

O **Grupo D:** Júlia Helena, Caroline, Ana Paula, Marina, Walter e Joice - intitulado “Cotidianação”, se encarregaram de que cada membro trariam sons de seu cotidiano (Imagem 11).

*Relato de Júlia - “Eu e o Walter como trabalhamos com dança, usamos muito a caixa de som, aí me identifiquei com o cabo auxiliar da caixa de som que me*

*chamou atenção com o som que ele produzia. Eu o utilizei no meu corpo, e com o choque que ele produz em contato com a pele, produz som diferente. Como pratico muito exercício com corda, pulando, realizei este movimento que produz som a partir do toque da corda ao chão. No palco, em ordem, foram apresentados estes sons do cotidiano de cada membro do grupo. No final foi feito uma grande escultura com caixa de som, corda e moedas.*



**Imagem 11:** *Cotidianação*. Video  
 Fonte: Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

O **Grupo E:** Rafaela - com o título Instalação “*Máquina do Tempo*”, foi uma apresentação solo na qual a aluna Rafaela utilizou o ritmo organizado e a melodia, encaixando como música tonal (Imagem 12).

*Relato de Rafaela - “Usei objetos eletrônicos como um relógio despertador, caixa de som, dois celulares, um mouse, uma tigela de inox e uma peça de aço para bater nela. Fiz também uma estrutura externa de papelão em forma de engrenagens como escultura. Usei o nome de máquina do tempo, porque a gente pensa em uma*

*máquina do tempo que volta no tempo, mas esquece de que o próprio relógio é uma máquina do tempo. Tentei fazer sons que tivessem essa relação com o tempo e as máquinas. Curti muito a experiência, mesmo com o nervosismo. Pensar a música e ela partindo de elementos de uma escultura. Gostei da interdisciplinaridade que as professoras propuseram para nós.”*



**Imagem 12:** *Máquina do Tempo*. Vídeo  
Fonte: Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura.

**O Grupo F:** Juliana, Rayne e Cibebe - intitulada “(entre) Amores”, o trabalho envolve escultura e música (Imagem 13).

*Relato de Cibebe - “A experiência com a produção (entre) amores, relata experiências de diversas mulheres que vivem (entre) o amor. Quando uma flor vem acompanhada de ofensas, quando um beijo vem acompanhado de um murro. Para nosso grupo, foi solicitada apenas pela professora Edina, pois somos alunas irregulares e já havíamos feito a disciplina da professora Odete no bacharelado. Mesmo não fazendo parte desta disciplina, pensamos em trazer esse lado “escultural” para nossa produção. Nunca paramos para analisar essa questão se era*

*uma escultura ou instalação sonora, mas agora como questionamento, me fez refletir em que espaço ela se enquadraria. Me fez indagar a forma do porque precisamos colocar algo como título? E porque cada coisa tem que ter seu lugar? Enfim, não consegui classifica-la como escultura ou produção sonora, pois para mim, foi muito híbrida, tratamos como escultura, pois outrora foi solicitado. Por meio da escultura viva, que foi colocada como a imagem final, sendo que a Juliana era o meu “eu” real, como me sentia mediante a tudo que estava acontecendo. E a Raine era o opressor, que atacava com palavras fazendo com que Juliana se sentisse culpada do que acontecia. Eu Cibele, era como eu era por fora, tentando ser forte e não demonstrando tudo o que acontecia, como acontece com muitas mulheres que forem caladas. Porém, ao decorrer da música, fomos criando forças, e meu “eu” interno e meu “eu” capa fomos lutando contra essa força. Então a Raine soltava palavras de força, vendo a força dessa mulher. Foi uma experiência tocante, digo por todas quanto o relato que mexeu conosco, pois nós ou alguém que conhecemos já sofreram algum tipo de agressão ou abuso. Tudo isso que queremos deixar transparecer com a maquiagem no rosto e no corpo da Juliana, tapados com as ataduras que ao longo foram sendo retiradas como os sinais do espancamento em seu rosto. Já a Cibele, tinha uma maquiagem regada pelo escondido, uma maquiagem carregada de ocultação do que para nós e muitos é “inaceitável”. Agora falo por mim, quando digo que foi uma experiência que me fez refletir, sobre minha força e a força da mulher, quando no final da música cantamos:” você tem seu valor, você não precisa disso, nem tudo é por amor...” Lembrei-me de uma pessoa próxima, e nessa hora senti meu âmagio. Terminamos nossa produção em forma de escultura, quando nos juntamos, as três como escultura viva, que tinha sido oprimida, mas que se junta para curar as feridas. Essa experiência me fez refletir e indagar muitas questões. E até mesmo pensar sobre essas relações abusivas que enfrentamos (entre) amores, talvez não seja para descrever, mas para sentir. ”*



**Imagem 13:** *(entre) amores*. Vídeo  
Fonte: Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura.

**Grupo G:** Débora, Emilly, Jorge, Juliana, Júlio Cesar e Vitor Hugo<sup>16</sup>, na qual se inspiraram em ritos indígenas (Imagem 14).

*Relato de Júlio - “Teve justa posição em várias linguagens na ação (híbrido) como escultura, happening, instalação.”*

---

<sup>16</sup> Débora, Emilly, Jorge, Juliana são do curso de Letras e Júlio Cesar e Vitor Hugo curso de Artes Visuais.



**Imagem 14:** *Sem título*

Fonte: Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura.

## 5.1 PERCEPÇÃO DOS RELATOS

Pensar uma experiência no campo interdisciplinar articulada nas disciplinas Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação proporcionou aos alunos o conhecimento acerca da linguagem híbrida em um campo expandido da arte que agrega linguagens, materialidades em torno dos objetos do dia a dia; bem como, os diferentes sons, sonoridades e tonalidades.

Embora as duas disciplinas já aconteceram desde 2008 na matriz 04 do curso, a proposta vem sendo trabalhada desde o ano de 2014, quando o título era proposto apenas como Escultura Sonora. Porém, com o passar do tempo, ampliaram-se os olhares a cerca da Escultura, derivando-se também o termo Instalação Sonora, conforme explicam Baumer e Calderan (2014).

A ideia é que no campo híbrido da arte na contemporaneidade, muitas vezes, trazendo para ação o próprio corpo do artista e amplia ainda mais os campos da escultura e da música; e faz com que se reinventem diferentes maneiras de se pensar formas, volumes ou relevos, na qual pode se utilizar materiais diversos do contexto do dia a dia junto aos sons.

A proposta dessa atividade interdisciplinar, é de “desmaterializar o entendimento tradicional de ouvir o som, passando a escutá-lo, e ao mesmo tempo reinventá-lo em ações em grupo a partir de objetos transformados em escultura” (BAUMER; CALDERAN, 2014), evidenciando a criatividade e a pesquisa em grupo.

A partir da proposta das professoras, várias formas de sonorização puderam ser evidenciadas a partir do entendimento de que “o som é uma das coisas que mais nos rodeia em nosso dia-a-dia. Os sons estão por todas as partes e nos acompanham até mesmo antes de nascer, mas a questão é que escutamos muito pouco do que ouvimos” (BAUMER; WIGGERS, 2013, p.740).

Percebi na produção dos **Grupos A, B, C, D e E**, os elementos fortemente ligados ao nosso cotidiano e que se vistos com esse olhar perceptivo, pode-se explorar diferentes sonoridades.

Assim, os grupos buscaram diversos materiais para essa proposta como o **Grupo A**, trouxe um computador, uma máquina de escrever, papel e caneta; sendo de acordo com o grupo *“dispositivos que utilizam a palavra”*. O **Grupo B**, levou uma mala que para o grupo simbolizava as lembranças das viagens e *“coisas que a gente carrega em nossa bagagem”*, usaram elementos como folha de ofício, galhos e uma fita, que na boca fizeram um som que lembrava muito pássaros ao longe. O **Grupo C**, com garrafas de vidro que com o vento feito com a boca, criaram um som diferente. O **Grupo D**, utilizaram cordas, cabo conectado a caixa de som e em contato com a pele, folhas se rasgando, livros batendo no chão e moedas.

Já o **Grupo E**, com uma produção solo trouxe objetos eletrônicos como relógio despertador, caixa de som, celulares e um *mouse*; uma tigela de inox com uma peça de aço para *“bater nela”* e uma estrutura externa de papelão. Rafaela trouxe elementos para fazer *“sons que tivessem essa relação com o tempo e as máquinas.”*

De acordo com os relatos trazidos é possível criar sons nas mais variadas formas, e a maioria dos grupos buscaram nas ações do dia-a-dia que eles gostam ou em objetos simples, que deles poderiam extrair diferentes formas de som e ações comuns de seu cotidiano para compor suas produções sonoras. “Todos os sons, organizados ou não, se tornam possibilidades que podem nos emocionar, fazer com que viajamos a lugares que surgem em nossa mente no exato momento em que ouvimos.” (BAUMER; WIGGERS, 2013, p.745).



Como relatou Júlia, integrante do **Grupo D**, *“No palco, em ordem, foram apresentados estes sons do cotidiano de cada membro do grupo. No final foi feito uma grande escultura com caixa de som, corda e moedas.”* Ou seja, cada integrante procurou pesquisar um som comum de seu cotidiano, para então se formar *“uma grande escultura”* no palco.

Os **Grupos F e G** utilizaram a voz como elemento sonoro, envolvendo a escultura e a música de formas distintas. O **Grupo F**, não estava na turma do semestre de Escultura e Pesquisa (já fez em outro semestre). De acordo com Cibele, integrante do grupo: *“Mesmo não fazendo parte desta disciplina, pensamos em trazer esse lado ‘escultural’ para nossa produção.”* O grupo, trouxe uma história por meio de *“uma escultura viva, que foi colocada como a imagem final”* trazendo *“experiências de diversas mulheres que vivem (entre) o amor. Quando uma flor vem acompanhada de ofensas, quando um beijo vem acompanhado de um murro”* como me relatou Cibele.

O **grupo G**, fez uma espécie de ritual, em que com velas no chão, fizeram uma roda e cantaram em volta dela. De acordo com Júlio, a produção *“Teve justa posição em várias linguagens na ação (híbrido), como escultura, happening e instalação.”*

Quanto ao relato de um integrante do **Grupo C**, Felipe, que pontua o quão importante para eles se deu essa atividade: *“Com este trabalho pude abrir o olhar sobre a escultura, e não pensar nela como um objeto único ou isolado das outras coisas. E de também poder inserir elementos do nosso cotidiano, que poderiam ser descartados, e nos proporcionou visibilizar uma oportunidade de inserir na sala de aula.”*

Para Oliveira (2008, p.76), as linguagens podem ser trabalhadas em conjunto, porém:

A primeira noção a se adotar para estabelecer relações entre “linguagens” é a ideia de texto, que, de acordo com a semiótica discursiva, não se restringe ao texto verbal; segundo esta fonte teórica, podemos considerar como texto um balé, uma instalação, uma música, uma escultura. Texto é uma unidade de análise.

E os sons são elementos ligados à sonoridade e que podem ser interligados, tendo em vista o contexto difundido. Sendo assim, é possível trabalhar a interdisciplinaridade, desde que se tenha um contexto envolvido. Oliveira defende que

Intertextualidade, transdisciplinaridade, transversalidade, interterritorialidade, rizoma, entre outras, são todas palavras híbridas ou plurais – por constituição ou por noção – em cujos conceitos buscamos nos socorrer, no contemporâneo mundo do conhecimento, para entender as conexões precípuas, intrínsecas ou extrínsecas, entre saberes; no nosso caso específico, buscamos essas noções para organizar mentalmente, ou melhor, compreender, e até para ensinar, as relações entre as 'linguagens' artísticas, ou mesmo entre as 'linguagens' estéticas. (OLIVEIRA, 2008, p.75)

Constatei que todos os grupos se envolveram no desafio da proposta *Escultura e/ou Instalação Sonora* e perceberam o quanto é importante envolver diferentes linguagens em um campo híbrido das materialidades e sonoridades. E o quanto foi relevante às pesquisas pessoais e o quanto a relação do grupo fortalece o trabalho em conjunto e amplia as possibilidades para a aprendizagem no exercício do criar e do escutar.

## 6 PROJETO DE CURSO

**TÍTULO:** ESCUTAR ALÉM DO QUE OUVIMOS E ESCULPIMOS: UMA ABORDAGEM ACERCA DA EXPERIÊNCIA COM SONS, SONORIDADES E OBJETOS EM UMA PROPOSTA DE ESCULTURA E/OU INSTALAÇÃO SONORA.

**CARGA HORÁRIA:** 12h

**EMENTA:** a sonoridade escultural como elemento de aprendizagem.

**PÚBLICO ALVO:** Professores de Arte do Ensino Fundamental I e II da Escola de Educação Básica Castro Alves.

### **JUSTIFICATIVA:**

Esta proposta de curso tem o objetivo de incentivar os professores de Arte a utilizarem o som e a escultura como campo de estudo em suas aulas partindo de uma proposta interdisciplinar, apresentando a eles a pesquisa realizada com alunos da Unesc, no curso de Artes Visuais Licenciatura, no qual participaram da atividade 30 alunos no total, sendo vinte e quatro alunos da 6ª fase e dois alunos irregulares da 8ª fase do curso de Artes Visuais Licenciatura, bem como, três alunos do curso de Letras. Todos são alunos da Unesc.

A ideia é que os professores percebam a partir da pesquisa apresentada e de experiências que serão propostas a eles, o quão necessário é estimular seus alunos a experimentarem novas vivências a partir do som e da escultura, desmaterializando “o entendimento tradicional de ouvir o som, passando a escuta-lo, e ao mesmo tempo reinventá-lo em ações em grupo a partir de objetos transformados em escultura” (BAUMER;CALDERAN, 2014), criando-se uma produção sonora

O projeto tem o intuito de perceber de que forma a interdisciplinaridade e diferentes linguagens podem ser trabalhadas em um contexto de arte, e que forma o processo de aprendizagem em arte pode ser significativo para o aluno. Ainda assim, tem o objetivo de trazer como um exemplo de como o professor de arte pode fazer uso do campo híbrido das linguagens e as relações com o universo sonoro nas produções artísticas de seus alunos, a fim de que esse processo de vivencia seja

realmente significativo para eles, trazendo como exemplo os relatos dos alunos do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc.

### **OBJETIVO GERAL:**

Apresentar uma proposta a partir da escuta e produção sonora, tendo como base a atividade interdisciplinar realizada com uma turma do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Perceber a importância da escuta.
- Conhecer as possibilidades de se envolver o som e a escultura na aprendizagem.
- Viabilizar a importância de atividades interdisciplinares e a inserção do som não só como música, na sala de aula, mas como um elemento a ser moldado.
- Criar uma produção sonora a partir da escuta de sons.

### **METODOLOGIA:**

Iniciarei me apresentando a eles no primeiro dia, e falando um pouco sobre minha trajetória até ali. Logo, solicitarei que cada um fale um pouco sobre as suas experiências e vivências em sala de aula com a utilização do som e a escultura e como se dá este processo.

No primeiro encontro, solicitarei que eles saiam por algum espaço da escola e realizem uma escuta de sons, e em seguida em grupos criem uma produção sonora para apresentar no último encontro.

No segundo encontro, irei propor que eles apresentem suas produções e em seguida faremos uma roda de conversa sobre a experiência e a importância de inseri-la nas aulas.

Em seguida, no terceiro encontro, apresentarei a eles a pesquisa no qual realizei com alunos da turma do curso de artes visuais licenciatura, da Unesc. Logo, falarei um pouco sobre a escultura em campo expandido na arte contemporânea.

No ultimo encontro, apresentarei os relatos dos alunos estudados em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, ressaltando a sonoridade e a escultura nas aulas de arte, e que para produzir música não é necessário que os professores de arte sejam especializados em música ou que saibam tocar algum instrumento, mas sim “precisamos mesmo, é entender a múltiplas possibilidades de trabalho que a música nos oferece” (BAUMER;WIGGERS, 2013, p.741). e finalizaremos com uma roda de conversa.

O mini curso acontecerá em período noturno, das 18h00min às 21h00, com um total de 4 encontros.

## REFERÊNCIA

BAUMER, Édina Regina; CALDERAN, Odete Angelina. Escultura Sonora: Uma experiência de criação na interdisciplinaridade. V Semana de Ciência e Tecnologia da UNESC, 2014.

BAUMER, Edina Regina; WIGGERS, Halbertina Rucker. **Experiências sonoras: a musicalidade marcada pela percepção e descoberta**, 2013. Disponível em [file:///C:/Users/andre/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\\_8wekyb3d8b bwe/TempState/Downloads/128-449-1-PB.pdf](file:///C:/Users/andre/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8b bwe/TempState/Downloads/128-449-1-PB.pdf) . Acesso em: 26 Out. 2018.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trato nesta pesquisa a abordagem interdisciplinar envolvendo duas disciplinas Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação, na tentativa de responder minha principal questão: De que forma o conteúdo abordado em um contexto interdisciplinar pode contribuir com o processo de criação e da experiência no desenvolvimento de uma proposta chamada Escultura e/ou Instalação Sonora?

A partir desse questionamento percorri o conteúdo da história da arte em torno da Arte Contemporânea, ressaltando alguns movimentos e introduzindo-me dentro da Arte Sonora onde a materialidade dos objetos e os sons se complementam, para melhor me situar dentro do conteúdo estudado nas disciplinas, e também, a partir das minhas experiências nas disciplinas considerando-as importante para o estudo.

Percebi com a pesquisa o quanto a arte pode se utilizar de várias linguagens e sonoridades; e que a interdisciplinaridade quando proposta deve vir de encontro com um contexto geral, sendo trabalhada anteriormente nas diferentes disciplinas, afim de que uma possa colaborar com a outra.

Consta a partir dos relatos, que os alunos tiveram uma boa interação com seus grupos, desde a criação até a execução. E, diferentes produções foram criadas a partir de seus repertórios. Pude perceber também através da análise dos vídeos da atividade, que houve uma mistura de linguagens, explorando-se o campo híbrido na arte.

O grande aspecto proposto na atividade foi à desmaterialização do som; tendo em vista a produção sonora, a partir de elementos do cotidiano. A emoção e a lembrança se fez muito presente desde a criação até a finalização com a apresentação, como pude perceber através dos relatos dos integrantes. Diferentes objetos foram explorados tendo uma variedade de sons. Todos os grupos tiveram o mesmo propósito: a criação de uma sonoridade, a partir de uma experiência sonora marcada pela percepção dos contextos interdisciplinares e de suas próprias vivências e pesquisas.

A experiência vivenciada a partir da proposta das professoras das respectivas disciplinas, fez com que os alunos interligassem o que observaram nas duas disciplinas. Embora muitas vezes essas experiências, inicialmente, pudessem

parecer distantes, mas ao longo do semestre foram fortalecidas, por meio da pesquisa de objetos, da criação e da percepção.

Acredito que foi possível nesta proposta, desconstruir os estereótipos de som, e que uma sonoridade não é somente produzida com instrumentos musicais, podendo surgir de elementos e objetos inesperados. E que a escultura, vai muito além de uma obra única, pois ela pode ser trabalhada em contexto expandido podendo ser uma mistura híbrida envolvendo desenho, cerâmica, pintura, vídeo, fotografia entre outros.

É interessante que este tipo de proposta seja levado para as escolas, afim de que os alunos possam experimentar diferentes atividades de pesquisa envolvendo sons, sonoridades e coletas de objetos com o intuito da experiência. Porém, não é necessário que se saiba música, por exemplo, ou que saiba tocar algum tipo de instrumento para levar este tipo de atividade para a sala de aula, mas é necessário que ampliemos nossos olhares acerca das diversas possibilidades de musicalidade. O mesmo se processa quanto à escultura, o importante é oportunizar diálogos acerca dessa linguagem trazendo diálogos com artistas e suas poéticas para ampliar sua compreensão favorecendo encontros com campos interdisciplinares nas escolas.

Entretanto, nem todas as vivências serão sentidas e apreciadas da mesma forma por todos, visto que os sentimentos não são algo definido e já traçado, e sim derivações de diferentes percepções sendo sentidas de formas distintas.

A arte e o que ela proporciona, permeia por diferentes caminhos, e está em constante mudança. Desse modo, sempre haverá novas possibilidades, novos caminhos e novas experiências.

Enfim, é importante que, a partir de experiências vivenciadas, possamos pensar diferentes maneiras de se ensinar por meio de diferentes linguagens nas aulas de Arte. E que, como futuros professores, possamos estimular a percepção dos alunos como seres sensíveis e pensantes em nosso mundo, através de experiências realmente significativas levando-as da escola para a vida.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMER, Édina Regina; CALDERAN, Odete Angelina. **Escultura Sonora**: Uma experiência de criação na interdisciplinaridade. V Semana de Ciência e Tecnologia da UNESC, 2014.

BAUMER, Edina Regina; WIGGERS, Halbertina Rocker. **Experiências sonoras**: a musicalidade marcada pela percepção e descoberta, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/andre/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\\_8wekyb3d8bwe/TempState/Downloads/128-449-1-PB.pdf](file:///C:/Users/andre/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bwe/TempState/Downloads/128-449-1-PB.pdf)>. Acesso em: 26 Out. 2018.

BRASIL ESCOLA. **A arte após primeira guerra mundial**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-arte-apos-primeira-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 15 Out. 2018.

BONDÍA, Larrosa Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 21 Set. 2018.

CAMPESATO, Lilian; LAZZETTA, Fernando. **Som, espaço e tempo na arte sonora**. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM). Brasília, 2006. Disponível em [http://www2.eca.usp.br/prof/iazetta/papers/anppom\\_2006.pdf](http://www2.eca.usp.br/prof/iazetta/papers/anppom_2006.pdf). Acesso em: 14 Set. 2018.

CAMPESATO, Lilian. **Arte sonora: uma metamorfose da musas**. Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-17062008-152641/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-17062008-152641/pt-br.php). Acesso em: 21 Set. 2018.

CUNHA, Ester; CORRÊA, Patrícia Leal Azevedo. **Arte e vida – um estudo a partir da obra de John Cage**. 22º Encontro Nacional ANPAP, 2013. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/anais/pibic/ester%20cunha.pdf>>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KRAUSS, Rosalind E. **A escultura no campo ampliado**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=240>. Acesso em: 21 Set. 2018.

LAMAS, Nadja Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007.



LUNA, Ianni Barros. **Instalações sonoras**. Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Universidade de Brasília: 2016. Disponível em: [https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/Ianni\\_Barros.pdf](https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/Ianni_Barros.pdf). Acesso em: 15 Out. 2018.


MENDES, Adriana; CUNHA, Glória. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: Construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. **Relações entre linguagens**. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. e. Ensaio em torno da arte. Chapecó, Argos, 2008. p. 75 - 97.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

## APÉNDICE

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO</p>
---	---

**AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA**

Eu, (NOME), \_\_\_\_\_ (ESTADO CIVIL),  
\_\_\_\_\_(PROFISSÃO), \_\_\_\_\_ portador(a) da  
carteira de identidade nº (NÚMERO), \_\_\_\_\_ expedida pelo (ÓRGÃO  
EXPEDIDOR), \_\_\_\_\_ inscrito(a) no CPF sob o nº  
(NÚMERO) \_\_\_\_\_, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),  
\_\_\_\_\_

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da  
minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Andressa  
Paulino de Araujo do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof.Ma.  
Odete Angelina Calderan para que o mesmo os disponibilize como dados da  
pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Escultura  
e/ou Instalação sonora: uma experiência em um contexto interdisciplinar*.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima  
descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos  
à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_